

5

Os itens *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*

Neste capítulo, os itens *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* serão analisados a partir do mesmo modelo empregado na análise de *mas*, a saber: o de Sweetser (1991).

A vasta lista de exemplos analisados no capítulo anterior serviram para se traçar uma reflexão acerca dos modelos conhecidos, o que culminou na conclusão de que a proposta de Sweetser é a mais apropriada. Se os poucos exemplos que serão analisados neste capítulo forem passíveis de análise pelo mesmo modelo sobre o qual já se refletiu suficientemente no capítulo anterior, então se tornará mais fácil refletir sobre a possibilidade de haver uma motivação comum na gramaticalização que sofreram.

Antes da análise será conveniente observar a função coesiva que os itens em pauta desempenhavam no período medieval.

5.1

A função coesiva dos itens *porém*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*

A coesão é um conjunto de fatores que, segundo Marcuschi (1983, *apud* Koch, 2001b, p. 35), “dão conta da seqüenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos lingüísticos do texto, relações de sentido”.

Koch (2001b, p. 36) considera a existência de duas grandes modalidades de coesão: a remissão e a seqüenciação. A primeira desempenha a função de (re)ativação de referentes e/ou de “sinalização” textual. Se um elemento tem um referente já mencionado, então estabelece uma coesão referencial anafórica. Este será o principal tipo de coesão estabelecido pelos itens contrajuntivos na fase arcaica, com exceção de *mas* e *todavia*, que merecem ser vistos particularmente. Elementos típicos desse tipo de coesão anafórica são, entre outros, pronomes e advérbios pronominais, como os que se encontram na formação etimológica dos itens mencionados, conforme se viu em 2.3. Por outro lado, se um elemento tem

um referente ainda a ser mencionado na superfície textual, estabelecerá uma coesão referencial catafórica.

Já a coesão seqüencial, segundo Koch (1998, p. 49), diz respeito aos “procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas”. Ainda para a mesma autora, a seqüenciação pode ser parafrástica ou frástica. Esta tem, entre seus mecanismos, o encadeamento, que “permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou seqüências maiores do texto. Pode ser obtido por *justaposição* ou por *conexão*” (KOCH, 1998, p. 60).

A conexão ou junção estabelece relações lógicas (não no sentido da lógica formal), que são expressas na superfície textual principalmente por meio de conectores, conhecidos também como conjunções. Neste conjunto se encaixariam as ocorrências dos itens contrajuntivos aqui abordados que lhes permitem serem chamados conjunções. Acrescentem-se à idéia de Koch as informações encontradas em 2.2 sobre a forma com que se entende conjunção na tese.

Desta forma, está claro que, se tanto na fase arcaica quanto nos dias de hoje, os itens em pauta exercem uma função coesiva, trata-se de dois mecanismos distintos de coesão. Nas fases iniciais da gramaticalização, prevalecia a coesão por remissão anafórica; hoje já prevalece o que Koch chama de coesão seqüencial.

Nas próximas seções se ilustrará o desempenho dos itens nas duas funções.

5.2

O item *contudo*

O caso de *contudo* parece o mais nítido com relação à função coesiva do pronome indefinido – *tudo* – que faz parte das raízes etimológicas do item, o qual se forma a partir da justaposição da preposição *com* ao indefinido *tudo*, como se viu em 2.3. No nível da escrita, a justaposição levou um tempo para se realizar, de forma que não são raros os exemplos, ainda no século XVI – como lembra Barreto (1999, p. 276) –, de *cõ tudo*.

Independentemente, porém, da forma escrita, o fato é que *tudo* retoma, num processo de coesão anafórica, informações já apresentadas anteriormente, donde seu sentido de “com todas as/essas coisas”.

Entendido o sentido referencial, fica fácil compreender-lhe o uso como contrajuntivo. Como elemento coesivo, ele liga duas partes do texto, e assim também funciona como conjunção. Observe-se o exemplo (8):

(1) *“Aqui diz o conto que, pois Lançalot ouviu novas da raia, que era morta, houve tam grã pesar que era maravilha, e **contodo** se partiu e andou aquel dia e as companha atta que chegarom a Ginzestre. (A Demanda do Santo Graal, cap. DCXC⁸)*

Em (1), a forma *contodo* reforça haver uma relação entre as partes ligadas por *e*. É necessário buscar mais informações do texto para se entender melhor se o sentido da segunda parte com relação à primeira é de conclusão/consequência ou de contrajunção. Lançalot chegou até Ginzestre porque a rainha havia morrido ou apesar de a rainha ter morrido? A dúvida abstraída de um trecho tão fragmentário deixa clara a função coesiva do item e sua possibilidade de atuar em outros ambientes que não somente os contrajuntivos. No caso, a consulta ao texto global revela que o sentido do item era contrajuntivo. O contraste contrajuntivo ocorre em função da expectativa criada pelo relato da morte da rainha – a de que Lançalot não conseguiria seguir viagem pelo abatimento sofrido – e do fato de tê-lo conseguido ainda assim. Veja-se (2):

(2) *“A decisão do presidente George W. Bush de concentrar suas forças na busca de um segundo endosso do Conselho de Segurança para lançar uma guerra contra o Iraque foi tomada principalmente para ajudar um amigo e aliado, o primeiro-ministro Tony Blair, disseram especialistas que acompanham os assuntos britânicos. Mas a oposição determinada de França, Alemanha e Rússia expõe Bush ao risco de uma derrota diplomática”.*

Ele tem de fazê-lo principalmente porque agora se trata de uma ação necessária para aliviar os problemas de Blair”, abalado pela torrente de oposição doméstica à guerra, disse James R. Schlesinger, ex-secretário da Defesa americano e membro da Comissão de Política de Defesa, que aconselha o

⁸Neste caso, o exemplo foi retirado não da fonte eletrônica, mas sim de Magne (1970).

Pentágono. "Isso também é uma amostra de nossa profunda e insistente esperança sobre a eficácia da ONU", acrescentou ele.

*Ainda no mês passado, a Casa Branca agia como se não fosse voltar ao conselho para propor uma segunda resolução. Mas Blair, atormentado pelas críticas em casa, pediu a Washington que reconsiderasse. Não está claro, **contudo**, se Bush conseguirá os nove votos necessários para prevalecer no conselho. E, se ele conseguir, não há garantia de que França, Rússia ou China não vetarão a resolução.*

No fim da semana, não estava claro se Bush se arriscaria a sofrer uma derrota de grande visibilidade no conselho depois do entusiasmo de novembro, quando o órgão afirmou, por 15 votos a 0, a posição de força dos EUA segundo a qual o presidente Saddam Hussein precisa se desarmar imediatamente.” (ESP, 26/02/03)

Observe-se que a relação contrajuntiva é depreensível, também neste caso, através da análise do exemplo como se processando no nível epistêmico. Não há nada de contrastivo ou contrajuntivo entre pedir a Washington que volte ao Conselho e a possibilidade de Bush não conseguir os votos de que necessita para cumprir seu objetivo. O contraste dá-se entre a expectativa de que Bush, em voltando ao Conselho, obteria os votos necessários e a possibilidade de não obtê-los de fato. Trata-se de um “choque” que ocorre no domínio epistêmico, e não no do conteúdo.

O fato de ter se fixado com o sentido contrajuntivo, como se vê em (2), é visto por Barreto (1999, p. 277), também neste caso, como resultado de uma motivação metonímica, já que se supõe que o item era maciçamente empregado em ambientes que continham palavras negativas. Neste caso, a autora admite uma motivação metafórica por parte da preposição *com*, o que parece discutível, haja visto a existência de conjunções do português, formadas pela mesma preposição, que não chegaram a assumir sentido contrajuntivo: *contanto que*, *conquanto*.

5.3

O item *entretanto*

Além das informações etimológicas apontadas em 2.3, pode-se ver que, segundo Cunha (1997, p. 303), *entretanto* forma-se da justaposição de *entre* a *tanto*. O indefinido *tanto* funciona, no português medieval e em início do português moderno, como um elemento coesivo, já que faz referência e remete a informações já ditas no texto, bem como estabelece relações de sentido entre várias partes do texto. Como lembra Barreto (1999, p. 293), o termo significa, no século XVI, “entre tantas coisas” e, em textos de Vieira (século XVII), é empregado como encadeador da narrativa. Said Ali (2001, p. 169) aponta o sentido do termo com o sentido de “entrementes”, “enquanto isto sucede”, sentido, por sinal, com que se emprega vastamente no português europeu atual.

O exemplo utilizado por Said Ali é parte da seguinte estrofe:

(3) *As Alcíóneas aves triste canto*
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
*Os delfins namorados, **entretanto**,*
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros. (Os Lusíadas, 6, 77)

O item no trecho acima é bastante ambíguo, pois poderia ser parafraseado tanto pelo advérbio de tempo *entrementes*, quanto por “paralelamente a todas as coisas já relatadas”, sendo, então, um elemento de coesão referencial anafórica. É importante observar que, na verdade, em ambas as interpretações, tem-se um processo coesivo, mesmo porque *entrementes*, além de dar continuidade ao fluxo informacional do texto – num processo eminentemente coesivo –, refere-se, de certa forma, a “tudo que já se disse”, pois relaciona o tempo em que acontece tudo que se disse e o tempo em que ocorre o que se vai dizer. Na verdade, quando *entrementes* tem sentido temporal, está, de certa forma, comparando dois tempos da narrativa, comparação que se processa epistemicamente.

Ressalte-se que a ambigüidade é uma característica inevitável no processo de mudança semântica de um modo geral. Liga-se diretamente à polissemia, que caracteriza as relações de sentido existentes entre os diversos usos de uma mesma forma. Embora não possa ser mais explorada aqui, fica, contudo, registrada, como algo totalmente previsível, sendo uma das possibilidades de sentido previstas pelo sentido básico do item, que é o de fazer referência.

Um exemplo dado por Barreto (1999, p. 293) para o sentido de “entre tantas coisas” foi retirado das *Cartas de Jaime*, uma das fontes do *corpus* utilizado pela autora:

(4) “*Senhor. Se a minha dor de cabeça me dera lugar, logo me partira. Tervosey, senhor, ã mercê, **ẽtretanto** que ela me deixa, me mãdardes laa dar pousada. E eu nã d’aguardar a ter Recado que os tenho, mas, como poder, me hire caminho de Portel, e dahi a algũa aldeã d’esas ahi preto; por isso **ẽtretanto** mãdaime Remedear.*”

Em (4), a função referencial coesiva anafórica do item é bastante visível. Entendendo que as unidades do fragmento não se encontram simplesmente pareadas, mas guardam entre si relações de sentido, o item certamente contribui para a constituição desse sentido.

Sobre a consagração do uso contrajuntivo, Barreto (1999, p. 294) sugere, também neste caso, tratar-se de um processo de gramaticalização desencadeado por uma motivação metonímica. A presença do item em sentenças com sentido negativo tê-lo-ia feito assumir para si tal sentido. Observe-se o exemplo (5):

(5) “*O trabalho infantil e os maus-tratos são proibidos pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que entrou em vigor em 1990, um ano antes do nascimento de Wallace*”. *Não dava para ficar em casa. A gente era obrigado a vender café na rua e não podia ficar com nenhum dinheiro. Qualquer coisa errada que a gente fazia, ele batia na gente, “afirma Adriano da Costa Sales, 19, o primogênito da família Souza.*

*Adriano foi o primeiro a fugir de casa, aos sete anos. No início, ficou pouco tempo na rua porque foi acolhido por uma família de classe média, que o matriculou numa escola. A morte do pai, **entretanto**, foi pretexto para que ele*

voltasse a morar com a mãe e com o padrasto. Quatro meses depois, voltou às ruas e abandonou a escola. "Não tinha mudado nada lá em casa", conta o jovem." (FSP, 27/01/03)

Em (5), vê-se que, no domínio epistêmico, há um choque entre expectativas criadas pelo bloco de informações anterior a *entretanto* e o bloco seguinte. O primeiro criava a expectativa de que a conclusão do texto fosse de que Adriano realmente continuou a morar com a família adotiva, vendo-se livre da violência. No entanto, isso não acontece, conforme informa o bloco em que *entretanto* se encontra, o que gera o choque de sentido sinalizado pelo item, choque que se sustenta graças a relações de sentido que se processam no domínio epistêmico.

5.4

O item *no entanto*

A forma *entanto*, como se viu em 2.3, constituiu-se, assim como *entretanto*, da justaposição da preposição latina *in* ao indefinido *tantum*, que deu origem ao advérbio *intantum*, que significava “por isso”, conforme visto em 2.3. Os sentidos que Cunha (1997, p. 301) encontra para o item já no século XIII são: “neste meio tempo, neste ínterim, entretanto”.

A semelhança com *entretanto* é bastante compreensível, dada a similaridade etimológica que se encontra entre ambos. As mesmas explicações que se deram acima sobre o papel coesivo de *tanto* em *entretanto* aplicam-se a *tanto* de *entanto*: o pronome serve como elo coesivo na medida em que relaciona informações já apresentadas com outras ainda a se apresentarem, como em:

(6) “*Q(ua)ndo Eufrosina esto ouvio prouge-lhe muito e disse ao monge: - e q(ue)m me talhará os cabellos Ca ella nom q(ue)ria que a çerçearse nẽhũũ leigo que ẽ tal rrazom nom guarda fe e disse-lhe o monge: - teu padre hi rá agora comigo p(er)a o mosteyro p(er)a esta festa e estará hy t(re)s ou quat(ro) dias E tu faze **entanto** viir hũũ dos monges a ty que logo viinrá co g(ra)nde p(ra)zer e fará todo o que tu q(ui)seres...*” (*Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, fôlio 44r, séc. XIII-XIV)

Acima o item não se encontra em ambiente assinalado por contrajunção, podendo ser parafraseado mesmo por “enquanto isso”. Importa, porém, que, como elo coesivo, reforça a relação de sentido existente entre as duas partes interligadas. No contínuo das informações, remete a informações anteriores para que sejam recuperadas na construção do sentido global do texto, o que reforça que a função dêitica de *tanto* é responsável semanticamente pela gramaticalização por que o item vem a passar, processo que Barreto (1999, p. 289) novamente explica pela metonímia. Observe-se ainda que as partes da narrativa separadas pelo item podem ser interpretadas como apresentando entre si o sentido de diferenciação. Sobre o uso de *no entanto* no português atual, veja-se (7), continuação do texto citado em (5):

(7) “Desde o momento em que Adriano voltou definitivamente para as ruas, seu exemplo passou a ser seguido pelos irmãos. Antes de abandonar a casa, **no entanto**, todos passaram pela escola, que, no caso dos meninos, não foi capaz de segurar nenhum deles por mais de dois anos.” (FSP, 27/01/03)

Levando em conta que o texto trata, em sua totalidade, da relação entre violência doméstica e evasão escolar, é de se esperar que, epistemicamente, se crie a expectativa de que os irmãos de Adriano, que, como ele, também saíram de casa, não tivessem passado pela escola, da mesma forma que aconteceu com Adriano.

5.5

O item *porém*

Há uma grande oscilação entre o sentido conclusivo-explicativo e o contrajuntivo no sentido medieval de *porém*. Embora já bastante opaca, sua origem etimológica, como se viu em 2.3 e como informa Cunha (1997, p. 623), está em *porende*, que por sua vez, origina-se da preposição latina *por* junto a *ende*. O último verbete, segundo Mattos e Silva (2001, p. 103), inclui-se entre os chamados pronominais adverbiais, elementos que, embora originariamente advérbios, desempenham funções como a de sinalizar uma coesão anafórica no enunciado.

Sobre esse ponto, são bastante elucidativos os trabalhos de Bomfim (1999a, 1999b). A autora afirma que

no português antigo, na combinação **por ende/por em**, num primeiro momento, os componentes guardavam sua individualidade e o seu valor. A preposição **por** introduzia um adjunto adverbial, indicador da causa/motivo, representada(o) pelo anafórico **ende/em**. Num segundo momento, os elementos se aglutinaram no advérbio **porende/porém**. (BOMFIM, 1999b: 133)

O exemplo apresentado pela autora é o (6), retirado do *Cancioneiro da Ajuda*, e ilustra a função anafórica desempenhada por *en*:

(8) “*Como morreu quen nunca bem
ouve da ren que mais amou
e quem viu quanto receou
d’ela, e foi morto por en,
Ay, mha senhor, assi moyr’eu!*”

Adiante, a autora afirma ainda que, paralelamente à combinação *porende/porem*, com sentido explicativo-conclusivo, as formas *ende/em* continuavam sendo empregadas, como pronominais adverbiais – para se usar a mesma terminologia adotada acima.

O crescente desuso das partículas anafóricas contribuiu, segundo a autora, para a opacificação do sentido também anafórico do item, de forma que o sentido explicativo-causal cedeu lugar ao contrajuntivo.

Sendo assim, é necessário observar que, paralelamente a *porende*, eram bastante empregadas as formas *ende* e *em/en*, o que configurava a coexistência de várias formas relacionadas do ponto de vista etimológico, como costuma acontecer nos processos de mudança.

Está claro, de qualquer forma, que todas as formas mencionadas – *ende* e *em/em* – assemelham-se aos pronomes *tanto* que compõe *entanto*, *entretanto*, e a *tudo*, que compõe *contudo*, pois, tanto quanto eles, exerciam uma função eminentemente coesiva.

Outro exemplo ilustrativo para o uso do item como conclusivo-explicativo é o seguinte, pertencente ao século XIII/XIV:

(9) “*Estando el rey aquel cerco, veo nas gentes do arreal dos cristãaos tam gram tẽpestade de moscas que nenhũu dos da hoste nõ podia comer cousa em que ellas non caissem. E com esto avyam menaçõ de ventre, de que se morriam muytos homens. E **porem** acordou el rey com os da hoste que era bem de se partir daquel cerco em que já avya sete meses que estavõ*”. (*Crónica de Afonso X*, cap. 6, fólio 320b, século XIV)

O exemplo acima encontra-se na *Crônica Geral de Espanha*, cuja referência encontra-se na bibliografia da tese. Nele, o sentido conclusivo-explicativo de *porem* serve bem para destacar que a relação entre as novas informações do texto será com tudo que se disse antes. Dessa forma, se as partes do texto já se encontram claramente interligadas pela partícula *e*, *porem* funciona para apontar que, para além de uma mera ligação sintática entre as partes, há uma coesa relação de sentido.

Também neste caso, Barreto (1999, p. 310) apresenta a explicação da motivação metonímica para o fato de ter prevalecido o uso contrajuntivo sobre o conclusivo-explicativo:

Pode-se admitir que o emprego freqüente das conjunções *pero* e *porem* em sentenças negativas ou em sentenças precedidas por sentenças negativas tenha determinado que, por um processo metonímico, a conjunção tenha assimilado o valor da negação, passando a expressar uma contrajunção.

A mesma hipótese já havia sido levantada por Said Ali (1921/2001, p. 143): “ponto de contacto entre situações tão diversas (o sentido explicativo-conclusivo e o contrajuntivo) está nas frases negativas, e foi naturalmente por elas que principiou a transição semântica”.

Um exemplo de porém nos dias de hoje se vê em (10)

(10) “*Os dois eram os sócios gestores da empresa São Paulo Habitacional Veículos, com sede no Paraíso, zona sul. O golpe consistia em arrecadar dinheiro de clientes interessados na aquisição programada de casas e veículos. O dinheiro ficava supostamente depositado numa conta de poupança. Quando a pessoa queria resgatar a importância, **porém**, descobria que havia caído num golpe.*” (*ESP*, 27/02/03)

Em (10), vê-se que a apreensão do sentido global do texto ocorre no domínio epistêmico. No domínio do conteúdo, não há nada que impeça de se coordenarem as duas informações: a de que o dinheiro ficava supostamente numa conta e a de que a pessoa, ao tentar resgatar, descobria o engano. O choque se dá entre a expectativa criada epistemicamente de que o dinheiro estaria disponível e a constatação do contrário.

5.6

O item *todavia*

De mesma forma que os itens analisados anteriormente no capítulo, *todavia* também apresenta um pronome indefinido em sua formação etimológica: *toda*, que, diferentemente dos demais, não desempenha função referencial.

Dadas suas peculiaridades, *todavia* foi tratado com exclusividade em Rocha (2005), trabalho apoiado principalmente em Sweetser (1988 e 1991). Na segunda obra referida, a autora parte da seguinte indagação: por que palavras com sentido de *caminho* vêm a significar *however* (*contudo, de qualquer modo*)? Ela arrola como exemplos os casos de *anyway* (ingl.) e *tuttavia* (it.), que literalmente significariam “todo caminho”. *Todavia* do português poderia perfeitamente constar entre os exemplos.

Lembrem-se as informações já apresentadas sobre o trabalho de Sweetser (1991), que, como o próprio título anuncia, descreve processos de mudança de sentido caracterizados por uma crescente abstratização sofrida por itens lexicais que passam a ser usados com função pragmática. Sweetser (1991, p. 46) conclui que a recorrência de palavras que significam *caminho* sendo empregadas em itens que passam a funcionar como adversativos ou concessivos pode ser explicada pelo fato de estruturas lógicas e estruturas conversacionais serem pelo menos parcialmente compreendidas em termos de movimento e viagem física.

Em português, esse tipo de metáfora poderia ser exemplificado por ocorrências como “O advogado conduziu bem os argumentos”, “Não me lembro do ponto da fala em que eu estava” ou “Parei logo no primeiro capítulo”, ocorrências amplamente tratadas por Lakoff & Johnson (1980), uma das obras fundadoras da teoria cognitivista. Sendo assim, para Sweetser, *anyway*, por

exemplo, significaria: “por nenhum caminho mental ou conversacional que tomemos, chegaremos à conclusão esperada”.

Aceitando-se a hipótese da motivação metafórica, torna-se possível resolver uma série de questões referentes à gramaticalização de *todavia*, das quais a hipótese da motivação metonímica não daria conta.

Entende-se, em primeiro lugar, por que, apesar de todas suas peculiaridades, *todavia* gramaticalizou-se em uma contrajuntiva. *Via* (*caminho*) é o único núcleo de sintagma nominal que figura nas origens etimológicas das conjunções portuguesas não por acaso, mas por apresentar um conteúdo semântico próprio para estabelecer relações entre partes do textos: idéias podem ser ruas que constituem uma mapa maior, que é o texto.

O processo de metaforização por que passa o item *via* explica sua crescente abstratização. *Maneira* parece ser o correspondente abstrato mais próximo do concreto *via*, o que explica o sentido “de toda maneira”, atribuído ao item por, entre outros autores, Barreto (1999), por exemplo. Assim, fica evidente que é o núcleo *via* que motiva tanto os usos de *todavia* como advérbio de intensidade (ex. 11) quanto aqueles que se aproximam muito mais do sentido contrajuntivo (ex. 12). Veja-se:

(11) “*per este Papa, quem duvidaria
que nom tiredes gram prol e gram bem
quand’el souber que, pelo vosso sem,
el-Rei de vós mais d’outro varom fia;
e pois vos el-Rei aqueste logar dá,
Bispo, senhor, u outra rem nom há,
vós seredes privado **todavia**
deste vosso benefício,
com ofício,
quem duvidará
que vo-l’esalcem em outra contia*” (*Cantiga de Escárnio e Maldizer*, 437,
de Estevão da Guarda, séc. XIV)

No trecho acima, *todavia* tem claramente um sentido intensificador. A ocorrência se encaixaria na segunda coluna da escala abaixo, que é proposta por Barreto (1999, p. 422) para descrever a gramaticalização do item:

sintagma nominal	>	advérbio	>	conjunção
↓		↓		↓
em todo o caminho	>	completamente	>	sentido de oposição ao que é afirmado anteriormente

No trecho acima, de fato, *todavia* poderia ser parafraseado por *completamente, de toda maneira*. No entanto, esse sentido é possível não só graças ao sentido abstratizado de *via*. No caso, *toda*, em seu sentido básico de *inteira, completa*, também fornece material semântico para o novo sentido que se dá ao antigo sintagma nominal. E, embora Said Ali (1921) afirme que o sentido de *qualquer* para *todo* só se encontre em português a partir do início da fase moderna, quando o item pode ser parafraseado por *de qualquer maneira* e não *completamente*, vê-se que já constava na polissemia do pronome a possibilidade de sentido como *qualquer*.

Observe-se ainda que, no exemplo, há uma comparação entre duas situações: uma em que o bispo goza de um benefício e outra em que será privado disso. Não foi averiguado nesse aspecto um grande número de ocorrências, mas as que foram observadas demonstram que, mesmo com o sentido adverbial, o item normalmente se encontrava em ambientes contrajuntivos, ainda que a contrajunção se realizasse de forma indireta. Certamente isso se deve a seu sentido altamente enfático, como o que se viu em *anyway*, no exemplo (15), discutido na seção 4.6. Passe-se agora ao próximo exemplo:

(12) “*Xeber e Mafamede Augelym heram dos mayores capitaes que os mouros do sertão ally traziã e, tanto que virã os outros mouros de Grada de posse da Allmina, começaram de espertar os outros ao combate, o q(ua)l foy em aquelle dia muy gramde e muy perseverado. E como quer que o p(ri)mçipall dano*

fosse dos imigos, todavia os nossos forã muy trabalhados, e m(ui)tos delles mais do espritu que do corpo...” (Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, livro I, cap. LXXV, séc. XV)

Em (12), *todavia* está claramente em um contexto de contrajunção, como reforça a presença do elemento concessivo “como quer que”, o qual, por sinal, poderia levar à objeção de que *todavia*, sendo dispensável ao estabelecimento da contrajunção, não passaria de advérbio. Observem-se, porém, os seguintes pontos. Em primeiro lugar, no exemplo, o item encontra-se em fronteira sentencial e, diferentemente do que acontece nos usos adverbiais típicos, distante do verbo, o que demonstra um comportamento gramatical típico das conjunções.

Além disso, poder-se-ia supor que o sentido do item concessivo presente na sentença adjacente teria passado metonimicamente a *todavia*, mas aqui cabe a mesma pergunta que se fez a respeito das partículas negativas: por que *todavia* pode encontrar-se em contextos nos quais já existam elementos concessivos? Mais uma vez, a resposta é que seu sentido original torna-o, por um processo metafórico, cabível e apropriado em tais contextos. Não se descarta, contudo, o sentido intensificador que se vê em (11), o que se explica, mais uma vez, pela inevitável ambigüidade que permeia as relações polissêmicas.

O caso de *todavia* é elucidativo por mais de um ponto. Além do sentido de *via*, que, como se viu, lhe favorece o sentido contrajuntivo, também o sentido *maneira*, uma abstração de *via*, que, junto a *toda*, cria um intensificador, é empregado, *via* de regra, como em (10), em contextos dos quais se pode depreender uma comparação por desigualdade. Um comparação, aliás, que também só é possível graças à possibilidade de se segmentar o texto em partes, ou seja, em *vias*, que confluirão para a formação do sentido maior do texto.

Dessa forma, é preciso buscar uma interpretação satisfatória para a escala proposta acima. Não é possível entender uma relação de derivação entre os sentidos da segunda e da terceira colunas. A motivação de ambas encontra-se na primeira. Cabem aqui muito bem as palavras de Salomão (1998, p. 275): o que ocorre é um processo que “opera pela irradiação cognitivamente motivada de uma construção básica de tal modo que o núcleo semântico da categoria afigura-se como relevante em todo o percurso da expansão”. Observe-se ainda um exemplo do item no português atual, que não foi retirado dos *corpora* formados pelos

textos de jornais, onde, apesar de sua extensão, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *todavia*:

(13) “*Seu lema como bispo é: ‘Colaborador da verdade’; e vale lembrar o que o então bispo Ratzinger dissera desta sua escolha. ‘Parecia-me, por um lado, encontrar nele a ligação entre a tarefa anterior de professor e a minha nova missão; o que estava em jogo, e continua a estar, embora com modalidades diferentes, é seguir a verdade, estar a seu serviço. E, por outro, escolhi este lema porque, no mundo atual, omite-se quase totalmente o tema da verdade, parecendo algo demasiado grande para o homem; e, **todavia**, tudo se desmorona se falta a verdade’*”. (FSP, 16/04/06)

No discurso relatado, *todavia*, por se encontrar ao lado de *e*, não se comportando como conjunção típica, ilustra muito bem que não é possível recuperar-lhe o sentido que apresentava nem enquanto sintagma nominal nem enquanto sintagma adverbial significando “de toda maneira”. Do ponto de vista semântico, o único sentido que se lhe pode atribuir é o adversativo. No domínio do conteúdo, não há nada que impeça que no mundo se omita a verdade e, ao mesmo tempo, alguém julgue que sua falta levará tudo a desmoronar. Ratzinger, ao empregar *todavia*, sinaliza não uma contradição ou contraste do mundo real, e sim que, no domínio epistêmico, é possível se entender que o fato de a verdade parecer um tema demasiado grande para o homem não justifica sua omissão no mundo atual. Em outras palavras, conclusões que poderiam ter sido apreendidas epistemicamente pela primeira unidade relacionada são quebradas pela parte em que se encontra *todavia*.

5.7

Considerações acerca dos dados analisados: em defesa da motivação metafórica

A análise proposta para *todavia* conflui com a que foi apresentada para os demais itens. Se *via* de *todavia* refere-se às unidades do texto postas em relação – que, se não são segmentáveis sintaticamente muitas vezes, o são semanticamente

– , assim também os indefinidos anafóricos referem-se a unidades específicas que se relacionam com outras.

Da mesma forma que se afirmou e se mostrou nos capítulos anteriores que as conjunções muitas vezes sinalizam relações de sentido, não sendo indispensáveis para o seu estabelecimento, também os itens tratados neste capítulo seriam dispensáveis se se considerassem as ocorrências como blocos de informação neutra. Ao contrário, todos os itens conferem expressividade ao texto, reforçando as relações existentes entre as unidades.

O fato de serem usados no português medieval em grande escala explica-se por vários motivos: tanto pela expressividade (lembre-se que Meillet vê nas conjunções um inventário lingüístico em constante movimento justamente devido à sua função expressiva), quanto pelo fato de a norma paratática do português medieval, herdada do latim vulgar, exigir mecanismos para além das conjunções para a sinalização e destaque das relações existentes entre as unidades, afinal, se há parataxe sintática, não há parataxe semântica, haja vista a enorme força argumentativa e expressiva dos textos medievais.

Essas observações tanto são verdadeiras que ficaria difícil atribuir sentido a esses elementos considerados adverbiais. Seriam que tipos de advérbio? De tempo? De lugar? Todos, na verdade, conferem um reforço a idéias já relacionadas.

A escala espaço > (tempo) > texto, proposta por Heine em 3.3, aplica-se aos dados do capítulo, desde que se entenda espaço de forma abstratizada, referindo-se ao espaço do texto. O espaço referir-se-ia às “vias” relacionadas semanticamente. No entanto, embora a análise corrobore a escala, esta, se fosse tomada como ponto de partida para a análise, não permitiria o que o modelo de Sweetser (1991) permitiu: englobar, em um mesmo modelo, todas as ocorrências dos itens em pauta, tanto as do período medieval quanto as atuais.

A motivação metafórica apresenta-se, então, como plausível para todos os casos acima discutidos. E, tanto quanto *mas* guardou de sua origem etimológica o sentido de comparação, herança do sentido de inclusão, os pronomes indefinidos anafóricos e o núcleo nominal *via* se abstratizaram, perdendo a referência textualmente localizada e assumindo sentidos mais expressivos no texto. Assim, ao longo do tempo, vêm se especializando em contextos contrajuntivos,

opacificando seus sentidos originais e passando a ligar-se, para o falante, à própria idéia de contrajunção.

A possibilidade de serem analisados pelo mesmo modelo revela por que algumas gramáticas bem como a intuição do falante os agrupam conjuntamente. Fica assim justificado por que, na tese, não se excluiu o termo gramaticalização para se referir ao assunto em pauta, por mais que alguns princípios gerais da gramaticalização não se apliquem aqui. Os itens *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* cumpriram uma trajetória de mudança semântica semelhante às que se observam no estudo de itens incontestavelmente gramaticalizados.